

William Soares dos Santos
william_soares@yahoo.it

***“Cordélia, a tua voz tá tão diferente”*: a construção do si mesmo e a perspectiva do presente em uma narrativa de conversão religiosa**

***“Cordelia, you sound so different”*: The construction of the self and the perspective of present in a narrative of religious conversion**

RESUMO – Partindo de uma perspectiva sociointeracional do discurso (Gumperz, 1982), esta pesquisa tem como objetivo investigar a construção da identidade narrativa (Ricoeur, 1990) que emerge na produção discursiva de uma história de conversão religiosa, tendo em vista a perspectiva do presente (Järvinen, 2004; Bastos e Santos, 2006). As narrativas de conversão possuem características bem particulares, entre as quais funcionar como testemunhos da passagem de uma condição de existência ruim para uma melhor, em que o contraste entre presente e passado se faz especialmente visível. Neste trabalho, investigo trechos de uma narrativa de conversão de uma mulher que possui uma experiência conversão a uma igreja evangélica (à qual está ligada no momento da entrevista) depois de ter participado de outras práticas religiosas. O trabalho aponta, entre outros aspectos, para a percepção de que, ao narrar diferentes momentos de sua experiência passada, a narradora realiza diferentes construções de si, como a de ter sido superficial na adolescência, problemática em sua relação com a família e infeliz na idade adulta. Essas construções funcionam, no esquema geral de sua narrativa, como contraponto para a construção de sua identidade atual (depois da conversão religiosa) como uma mulher segura e feliz, de acordo com sua perspectiva do presente.

Palavras-chave: sociolinguística interacional, identidade social, narrativa e discurso religioso.

ABSTRACT – From a sociointeractional perspective of discourse (Gumperz, 1982), this research aims at investigating the construction of the narrative identity (Ricoeur, 1990) that is brought out in the discursive production of a story of religious conversion taking into consideration the perspective of present time (Järvinen, 2004; Bastos e Santos, 2006). The narratives of conversion have very particular characteristics, such as working as testimonies of the passage from one bad condition of existence to a better one, in which the contrast between present and past are especially visible. In this paper, I investigate parts of a conversion narrative of a woman who has experienced conversion to an evangelical church (of which she is a member at the moment of the interview) after having participated in other religious practices. The research points to the fact that, when narrating different moments of her past experiences, the narrator realizes different identity constructions of herself, such as being superficial in her adolescence, troublesome in the relationship with her family and unhappy in her adulthood. According to her view of the present time, these constructions work, in the general schema of her narrative, as counterpoints to the construction of her present identity (after the conversion) as a happy and confident woman.

Key words: interactional sociolinguistics, social identity, narrative and religious discourse.

Introdução

A produção de narrativas em contextos espontâneos ou em contextos de entrevistas lida com um forte conjunto de expectativas que levam o narrador a construir a sua história tendo em vista a sua perspectiva do presente (Järvinen, 2004; Bastos e Santos, 2006), ou seja, considerando o momento em que narra, a sua plateia, o seu objetivo e, mesmo, um sentido final para a trama que está sendo desenvolvida (cf. Mishler, 2002). A narrativa é um instrumento através do qual se busca dar sentido a uma experiência passada, mas que tem suas bases ancoradas no presente; dessa forma, no

processo de narrar, o narrador direciona a construção de sua identidade (e a de outros personagens da história) de maneira que esta venha ao encontro de seus objetivos como narrador e partícipe da realidade social da qual faz parte e não apenas para relatar uma experiência passada.

Tendo em vista as observações acima, este trabalho tem por objetivo pesquisar a construção da identidade narrativa – conceito desenvolvido pelo pensador Ricoeur (1990), que implica, entre outros aspectos, a estreita relação entre a constituição da ação (na narrativa) e constituição de si mesmo –, tendo em vista a perspectiva do presente, em uma narrativa de conversão religiosa.

Na análise, investigo a construção narrativa de uma pessoa que possui um histórico de conversão a uma igreja cristã evangélica localizada na cidade do Rio de Janeiro. Essa conversão se deu depois de ter tido outras experiências religiosas que não foram de natureza evangélica. Essa característica, nesta pesquisa, é essencial, pois torna possível ao pesquisador analisar como a narradora constrói, em diferentes momentos da produção narrativa de sua trajetória de conversão, a sua identidade narrativa.

A entrevistada é uma mulher (que aqui será chamada de Cordélia) de vinte e cinco anos, casada, estudante de pós-graduação, moradora da zona norte da cidade do Rio de Janeiro e que, em sua narrativa de conversão, ressalta os conflitos na escolha da religião adequada, envolvendo, entre outros aspectos, uma complexa relação familiar e a busca por um relacionamento afetivo estável. A entrevista se deu na sala da casa da entrevistada.

A entrevista foi gravada em áudio, tendo aproximadamente a duração de uma hora. A transcrição foi iniciada no dia posterior à entrevista a fim de evitar a perda de possíveis elementos de importância para a análise que, porventura, não aparecessem de forma clara na gravação. Os dados, ou a transcrição da entrevista, serão entendidos como um ato de comunicação, de um diálogo (Mishler, 1986), estando aí compreendida a interação (cf. Bakhtin e Voloshinov, 1992 [1929], p. 117-123). Dessa forma, na busca de um determinado entendimento do processo de produção narrativa (qual seja, o de como a narradora constrói sua identidade narrativa), dialogarei e negociarei com os dados a formação do significado (cf. Moita Lopes, 1995, p. 350).

Narrativa e identidade narrativa

A narrativa é definida no trabalho de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972) como um método de recapitular experiências passadas através de uma sequência de orações que focalizam determinados acontecimentos. No entanto, muito mais do que uma forma de resgatar experiências passadas, a narrativa é um instrumento através do qual as pessoas conferem unidade e coerência às suas existências, e o estudo de como as pessoas costuram elementos dispersos para realizar essa construção nos ajuda na compreensão de como essas produções dão forma ao significado da existência humana no âmbito pessoal e coletivo em vários contextos sociais (cf. Bastos e Santos, 2006).

Do ponto de vista de sua estrutura, para Labov (1972), a narrativa se caracteriza por ser estruturada em sequência temporal, ter um ponto e ser contável. Labov

coloca, ainda, que a narrativa é composta de seis elementos básicos: *resumo*, *orientação*, *ação complicadora*, *avaliação*, *resultado* ou *resolução* e *coda*. O *resumo* se relaciona ao tópico da narrativa (do que se trata?); a *orientação* especifica os participantes (quem?), a *localização* espaço-temporal (onde? quando?) e a *natureza* do evento (o quê?). A *ação complicadora* se relaciona aos eventos descritos na narrativa (o que aconteceu?). A *avaliação* se refere ao motivo da ação estar sendo contada, ao porquê da narrativa ser digna de interesse (o que isso implica?). Muitas vezes a *avaliação* se relaciona à estrutura da narrativa global e é desenvolvida independente de outros elementos presentes no que pode ser descrito como discurso narrativo padrão. O *resultado* ou a *resolução* compreende o fechamento da narrativa (o que aconteceu no final?). A *coda* é o elemento que pode aparecer para ligar a narrativa à situação atual dos participantes da interação onde a narrativa ocorre.

Em seu trabalho *Soi-même come un autre* (“Si mesmo como um outro”), Ricoeur (1990, p. 174) observa que a estrutura narrativa conjuga dois processos de aplicação do enredo: o da ação e o do personagem. Para ele, respostas às perguntas “quem?”, “o quê?” e “como?”, que podemos encontrar nos elementos que vimos na proposta de Labov, não falam apenas da ação descrita pela narrativa, mas envolvem, também, a atribuição (que aqui pode ser entendida como as características) da identidade narrativa¹:

É verdade que de um ponto de vista paradigmático, as perguntas *quem?*, *o quê?*, *como?* etc. podem designar os termos discretos da rede conceitual da ação. Mas, de um ponto de vista sintagmático, as respostas a essas questões formam uma corrente que não é senão o encadeamento da narrativa. Contar é dizer quem faz o quê, por que e como, ao demonstrar no tempo a conexão entre esses pontos de vista. É igualmente verdadeiro que se possa descrever separadamente os predicados psíquicos tirados da atribuição de uma pessoa (e esta é a condição própria da descrição do “psíquico”). Mas é na narrativa que se forma a atribuição (Ricoeur, 1990, p. 174).

Na elaboração de Ricoeur, a narrativa não apenas representa a ação passada, mas, também, proporciona atribuições ao narrador e àqueles que são reportados na narrativa. A afirmação de Ricoeur, trazida acima, vem ao encontro da percepção de que, como coloca Bastos (2005, p. 81), a narrativa “envolve um processo dinâmico e situado de expor e interpretar quem somos”. De acordo com essa compreensão, a construção de narrativas está intimamente relacionada à construção identitária e o seu estudo deve ser considerado essencial para que se possa

¹ Todas as traduções são de minha autoria, salvo as de textos cujos tradutores são citados nas referências bibliográficas.

entender melhor como as pessoas processam construções identitárias através da narração de suas histórias (cf. Linde, 1993).

Ao debruçar-se sobre o mesmo tema, Riessman (1993, p. 22) observa que “indivíduos constroem eventos passados e ações em narrativas pessoais para reivindicar identidades e construir vidas”. Para Ricoeur (1985), essa relação entre a narrativa e a construção identitária é ainda mais profunda, uma vez que, de acordo com sua formulação, a narrativa é aquilo que proporciona a justificação de sermos reconhecidos pelo que somos e não seríamos quem acreditamos ser, não fosse a capacidade da narrativa de prover coerência à nossas histórias de vida. Em sua obra *Temps et récit III. Le temps raconté* (“Tempo e narrativa III. O tempo narrado”), ele faz a seguinte afirmação:

o que justifica alguém ser o sujeito de uma ação e, dessa forma, ser designado pelo mesmo nome, durante toda uma vida, que se estende do nascimento à morte? A resposta não pode ser outra que a narrativa. Responder à questão “quem?”, como foi profundamente dito por Hannah Arendt, é contar a história de uma vida. A história contada diz o *quem* da ação. Dessa forma, a própria identidade do quem é tão somente uma identidade narrativa (Ricoeur, 1985, p. 442).

A declaração de Ricoeur aponta para a percepção de que a identidade ganha existência no mundo social através de sua capacidade de articular-se através da narrativa ou, como ele coloca em uma afirmação ainda mais assertiva, presente em seu trabalho seguinte,

A pessoa, entendida como personagem da narrativa, não é uma entidade distinta de suas “experiências”. Muito pelo contrário: ela partilha o regime de identidade dinâmico próprio da história contada. A narrativa constrói a identidade do personagem, o que pode ser chamado de sua identidade narrativa, na construção da história contada. É a identidade da história que faz a identidade do personagem (Ricoeur, 1990, p. 175).

Em sua colocação, Ricoeur enfoca a centralidade do discurso narrativo na configuração da identidade. Para ele, narração e identidade se confundem; uma não pode subsistir sem a outra.

Nessa pesquisa, a investigação se concentrará em fragmentos de uma grande narrativa de conversão religiosa. Por isso, é importante esclarecer que, aqui, a noção de conversão é entendida como um processo de mudança que envolve a relação de uma rede de pessoas, lugares, instituições, sistemas de coerência etc. Essa definição abrange três aspectos importantes: primeiro, o de que a conversão é um processo através do tempo e não um acontecimento único e repentino; segundo, que a conversão é contextual e dependente de uma grande rede de situações e de relações sociais e, terceiro, que os fatores que influenciam a conversão são múltiplos e interativos (cf. Rambo, 1993, p. 5).

Embora, na esfera religiosa, cada grupo possa ter a sua própria definição de conversão, sempre se trata

de um novo conjunto de referências através do qual o indivíduo se posiciona. A adesão a essa nova perspectiva se dá através da apreensão de um sistema de coerência (crença) (cf. Linde, 1993), do desenvolvimento da fé e da afiliação a uma estrutura social religiosa específica (cf. Hefner, 1993).

Neste estudo, lido especificamente com uma narrativa de conversão a uma igreja evangélica cristã. Dentro da tradição cristã, a conversão é definida, principalmente, como confissão do pecado, submissão à vontade de Deus e aceitação de Jesus Cristo como salvador da alma do convertido, bem como pelo compromisso de levar uma vida de acordo com seus mandamentos (cf. Rambo, 1993, p. 6).

A narrativa estudada aqui possui outra peculiaridade: trata-se de uma narrativa de história de vida. As histórias de vida podem ser compreendidas como um tipo de narrativa oral através da qual as pessoas expressam o sentido que elas têm de si mesmas ao contarem histórias marcantes de suas vidas “tais como escolha de profissão, casamento ou conversão religiosa ou ideológica de qualquer tipo” (Linde, 1993, p. 11).

Nesta pesquisa, investigo como a narradora constrói aquilo que Ricoeur (1990) chama de identidade narrativa (ou si mesmo) – que pode ser definido como a identidade que o narrador desenvolve em seu processo narrativo e que envolve o seu papel de personagem, narrador e coautor da narrativa – em momentos diferentes de sua trajetória de conversão religiosa. Esses momentos, que são reconstruções de experiências passadas, devem ser também entendidos à luz da perspectiva que a narradora tem do presente, tema que desenvolvo a seguir.

A perspectiva do presente

Ao abordar a natureza da narrativa, algo que parece trivial, mas que não devemos perder de vista, é que a narrativa é uma forma de comunicação e, como bem coloca Gumperz (1982, p. 1) na abertura de seu já clássico trabalho *Discourse Strategies*, “comunicação é uma atividade social que requer os esforços coordenados de dois ou mais indivíduos”. Partindo deste ponto simples, me parece muito mais fácil apreender determinados desdobramentos que revelam aspectos específicos da natureza da narrativa. Podemos começar pelo fato de que, seja ela oral ou escrita, a narrativa sempre é produzida tendo-se em vista uma plateia e que, ao escolher narrar uma determinada história de uma determinada maneira para uma plateia específica, o narrador, de forma inconsciente ou consciente, constrói a si mesmo também de um modo específico, e sua plateia reage segundo a sua própria leitura desta construção.

Além de sua função comunicativa, o discurso (inclusive o narrativo) também é um construtor da atualidade que somos, uma vez que, como postula Halliday (1992, p.

65), “as categorias e conceitos de nossa existência material não são ‘dadas’ a nós antes de sua expressão na linguagem. Ao contrário, elas são construídas pela linguagem, na interseção entre o material e o simbólico”.

Assim, ao realizarmos uma narrativa, levamos em conta objetivos que se relacionam à nossa perspectiva do presente, ou seja, à perspectiva que temos no momento em que a produzimos. Ao contar uma experiência de conversão, por exemplo, mesmo quando solicitada, a pessoa, geralmente, tem como um de seus objetivos mostrar que o esquema de vida no qual se insere depois da conversão é melhor do que o anterior ou, como coloca Järvinen (2004, p. 63), “quanto melhor adaptada uma pessoa esteja à sua nova opção de vida, mais fácil é para ela construir um passado como tendo sido confuso, insatisfatório e infeliz”. Ao buscar dar um sentido específico à sua narrativa de conversão e ao procurar valorizar suas ideias e a sua nova visão de mundo, os narradores lidam com escolhas lexicais, gramaticais, prosódicas e semânticas específicas, direcionando as suas narrativas para um objetivo determinado. Dessa forma, os narradores fazem com que o contexto de sua construção discursiva seja um comportamento social para um dado fim (cf. Ventola, 1995, p. 4).

Para Ricoeur (1990), essa problemática da retomada do passado, tendo em vista a perspectiva do presente, é tratada na relação entre “retrospecção” e “prospecção” e envolve outras questões singulares:

O passado da narração não é mais do que o quase passado da voz narrativa. Ou, entre os fatos contados em um tempo do passado, tomam lugar os projetos, as expectativas, as antecipações pelas quais os protagonistas da narrativa são orientados em direção ao futuro mortal. [...] É por isso que não há absurdo em se falar de unidade narrativa de uma vida, é sob o signo de narrativas que se instrui a articular narrativamente retrospecção e prospecção (Ricoeur, 1990, p. 193).

As antecipações às quais se refere Ricoeur podem ser compreendidas como a seleção dos acontecimentos a serem narrados como sendo aqueles elementos relevantes ao projeto existencial do narrador. Dito de outra forma, a narração de acontecimentos passados (retrospecção) compreende a existência de uma perspectiva presente com vistas a projetos futuros (prospecção). Outra característica importante apontada por Ricoeur é que, embora não seja possível fechar a experiência pessoal enquanto houver vida, a narrativa é uma ferramenta através da qual nós fixamos o contorno de finais provisórios para as nossas experiências de vida; o que significa também que, através da narrativa, tentamos moldar, de forma coerente, a nossa identidade social.

Obviamente, uma vez que estamos sempre ligados a uma perspectiva do presente, a nossa identidade narrativa, para utilizar o termo de Ricoeur, não poderá nunca ser fixa, ou como ele mesmo coloca,

[...] a identidade narrativa não é uma identidade estável e sem falhas; da mesma forma que se é possível compor várias

intrigas com o sujeito dos mesmos incidentes (os quais, por isso mesmo, não podem mais ser considerados os mesmos incidentes), da mesma forma é sempre possível tramar a sua própria vida com intrigas diferentes, até mesmo opostas (Ricoeur, 1985, p. 446).

A asserção de Ricoeur aponta para o fato de que estamos sempre reconstruindo as nossas identidades, mudando a direção de suas características de acordo com os objetivos que temos ao narrar. A seguir, proponho analisar como essa construção do si mesmo ocorre em quatro momentos diferentes de uma narrativa de conversão religiosa.

A construção de si mesmo em quatro momentos

Lidar com a construção de uma narrativa de estória de vida, por sua extensão (geralmente maior do que uma narrativa episódica, ou laboviana) e centralidade na experiência existencial do narrador, nos possibilita a apreensão de diferentes construções do si mesmo em diferentes momentos de produção de seu enredo. A análise dos fragmentos que trago aqui respeita a sequência em que aparecem no esquema geral da narrativa.

(a) “Eu acreditava em tudo”

No início de sua narrativa, Cordélia fala de suas influências religiosas na infância e adolescência. São várias influências religiosas, mas decidi analisar um trecho no qual ela fala de sua experiência de seu pai na Umbanda, e também realiza uma construção sobre si que me parece importante:

Fragmento 01: Cordélia: “eu acreditava em tudo”

- | | | |
|----|-----------|---|
| 01 | Cordélia: | é, não--, meu pai, na verdade, ele é muito::, <u>antes de eu nascer</u> ele |
| 02 | | já não ia mais], ele—eu até hoje não entendi muito bem o quê que |
| 03 | William: | [humhum] |
| 04 | Cordélia: | aconteceu mas, por algum tipo acho que de, de desilusão, lá ele |
| 05 | | largou e passou a não acreditar em nada, nem em deus] então ele, |
| 06 | William: | [hum] |
| 07 | Cordélia: | até o fim, assim, teo-- quer dizer, pelo que eu saiba, né?] |
| 08 | William: | [humhum] |
| 09 | Cordélia: | a gente nunca::= |
| 10 | William: | =tá dentro da pessoa pra saber |
| 11 | Cordélia: | é::, na hora mesmo, o que aconteceu, eu não sei, que eu espero |

- 12 que:: ele tenha lembrado-- (ele deve
13 estar) perto de deus, foi um,
14 foi até muito engraçado, porque na época
15 eu não acreditava, e::,
16 realmente deus foi lá e pregou, eu orava
17 e, enfim, então a palavra
18 de deus foi lançada, então eu não sei se::o
19 mas, até segunda ordem, () ele não
20 acreditava em nada
21 (...)
22 Cordélia: eu era aquele tipo assim; eu acreditava
23 em tudo], eu ia::, eu
24 estudei em colégio católico, e: eu fui,
25 assim, eu devia ter um onze
26 anos a primeira vez que eu fui a centro
27 kardecista
28 (...)
29 comecei a, ah--., eu acreditava e tudo, mas
30 num, num ia, assim, eu
31 (...)
32 é, mas não::, não levava à sério, ia com
33 a minha amiga, tipo “olha
34 tem uma festinha de criança, não sei
35 aonde, vamos lá? vamos”,
36 passei--., comecei a frequentar mesmo
37 um lugar fixo aos dezessete
38 anos, para os dezoito anos,] levada pela
39 minha prima
40 William: [e era::, no
41 caso, era umbanda
42 Cordélia: umbanda.
43 William: umbanda
44 Cordélia: umbanda, e ai frequentei até me con-
45 verter

Entre as linhas 01 e 16, Cordélia fala de seu pai narrando o passado tendo em vista a sua perspectiva presente. A partir da linha 11, por exemplo, ela expressa o desejo de que o pai esteja perto de Deus: “eu espero que:: ele tenha lembrado-- (ele deve estar) perto de deus”. Depois ela diz: “realmente deus foi lá e pregou, eu orava” e “a palavra de deus foi lançada”. Todas essas falas apontam para a percepção de que Cordélia narra a experiência passada utilizando um discurso que faz parte do sistema de coerência da igreja à qual ela está ligada no momento da entrevista o que pode ser percebido através das expressões que utiliza. Termos como “Deus pregou” e “a palavra de Deus foi lançada” estão muito presentes no vocabulário evangélico.

Ao afirmar que acreditava em tudo (linhas 18 e 22), Cordélia se constrói como alguém sem uma direção certa e que não era, verdadeiramente, praticante de nenhuma

religião. Isso também pode ser percebido no fato de que, ao invés de focar o caráter religioso, Cordélia enfatiza, tanto na infância quanto na adolescência (linhas 24 e 25), o caráter de encontro social que os eventos religiosos proporcionavam; na linha 25, por exemplo, ela diz: “não levava a sério, ia com a minha amiga, tipo ‘olha tem uma festinha de criança, não sei aonde, vamos lá? vamos’”. Só depois, no final da adolescência (ver linha 26) é que ela se envolve de forma sistemática com a Umbanda.

No recorte que fiz acima de sua estória, Cordélia narra suas primeiras experiências na Umbanda e fala um pouco de seu pai. Vimos que ela constrói a sua identidade daquele período como uma pessoa que via apenas o lado social e divertido da prática religiosa da família. Ela se constrói, sobretudo, como uma pessoa que não dava grande relevância à religião. Vimos que, principalmente ao falar de seu pai, a sua narrativa é construída com uma forte perspectiva no momento presente.

Quando Cordélia narra o período em que passou a frequentar a religião da família, ela irá construir sua identidade deste momento particular de uma outra forma: como uma pessoa muito insatisfeita com sua prática religiosa, como veremos a seguir.

(b) “*Eu, só frequentei, graças a deus só frequentei*”

No fragmento a seguir, Cordélia fala do período em que ela passou a frequentar e a fazer parte das práticas religiosas da Umbanda de forma mais compromissada. Ela também traz o cenário de suas relações familiares, descrevendo-as como cheias de conflitos. No esquema global de sua narrativa, essa descrição serve de contraste para descrição de sua vida familiar depois de sua conversão.

Fragmento 02: Cordélia: “*eu, só frequentei, graças a deus só frequentei*”

- 01 Cordélia: comecei a frequentar mesmo um lugar
02 fixo aos dezessete anos,
03 para os dezoito anos,] levada pela minha
04 prima
05 William: [e era::, no caso,
06 era umbanda
07 Cordélia: umbanda.
08 William: umbanda
09 Cordélia: umbanda, e ai frequentei até me con-
10 verter
11 William: ah, como é que vo--., é:: como é que era
12 lá, como que era o trabalho
13 lá e como é que você se sentia?
14 Cordélia: olha (2), é::, na verdade (3), lá era uma::,
15 você quer saber o tipo de
16 umbanda?

11 William: é, como que cê--, como era a sua relação, como é que você
 12 chegava, como é que você trabalhava lá
 13 Cordélia: eu, só frequentei], graças a deus só frequentei, não::, essa--, é uma
 14 William: [hum]
 15 hum, história longa, mas assim, eu não (4), não, não era feliz, eu::=
 16 William: =você frequentava mas não fazia parte dos trabalhos,] é isso o que
 17 Cordélia: [não, não,
 18 William: você quer dizer
 19 Cordélia: quando eu ia começar (2), foi até, isso foi um
 20 livramento de deus mesmo], depois eu até conto com mais
 21 William: [hum]
 22 Cordélia: detalhes, mas--, foi, eu sei que literalmente deus não queria que
 23 isso acontecesse é::, mas eu fiquei o tempo inteiro frequentando,
 24 William: humhum
 25 Cordélia: mesmo, só frequentava, me consultava, e só], até o final, assim,
 26 (...)
 27 só que tinham coisas assim, sempre quando a coisa me batia ruim=
 28 William: =humhum
 29 Cordélia: dentro e hoje eu, hoje eu entendo
 30 ai eu falava, “não”, mas aí dava um jeitinho de fazer com que-- (2),
 31 com que=
 32 William: =as coisas se encaixassem=
 33 Cordélia: encaixassem, mas na verdade::, eu já ouvi cada coisa terrível] lá
 34 dentro e hoje eu, hoje eu entendo
 35 William: humhum
 36 Cordélia: °hoje eu entendo, graças a deus°, e::, eu não era feliz, eu vivia mal-humorada, brigando com todo o mundo.
 37 humhum
 38 William: humhum
 39 Cordélia: era, era um inferno em casa, eu não--, sabe quando você não se
 40 integra?
 41 William: sei
 42 Cordélia: eu brigava na casa do meu pai, com a-- na época que eu morava

43 com meu pai e minha avó, era briga todo o dia, depois quando eu
 44 vim morar com a minha mãe eu, vivia isolada, assim, >conversava
 45 alguma coisa, mas não tinha aquela integração, família<], vivia
 46 William: [ham::]
 47 Cordélia: mal-humorada, vivia brigando, só, sabe? só tava feliz na rua::, na
 48 boate, bebendo] >esse feliz
 49 William: [humhum]
 50 Cordélia: é aquele, aquela felicidade:, alegria temporária, né?]

Cordélia constrói a sua experiência na Umbanda tendo em vista a sua perspectiva presente. Além de descrever sua experiência como insatisfatória, a mesma é feita com base no discurso da comunidade religiosa na qual está inserida no momento da entrevista. Podemos perceber o discurso protestante e seu sistema de coerência (Linde, 1993) influenciando sua narrativa em vários momentos. Logo na linha 13, ao ser perguntada sobre o tipo de atividade que exercia na umbanda, ela diz: “eu, só frequentei, graças a deus só frequentei”. Quando o entrevistador pergunta se ele fazia parte dos trabalhos, ela diz (linha 19) “quando eu ia começar (2), foi até, isso foi um livramento de deus mesmo”, e na linha 22 ela acrescenta: “eu sei que literalmente deus não queria que isso acontecesse”.

Cordélia constrói a sua insatisfação com a Umbanda em duas perspectivas: a primeira é a insatisfação com as repostas oferecidas pelos guias nas consultas que fazia. A partir da linha 27, ela diz que as respostas não eram claras, era ela quem procurava dar significado ao que lhe diziam: “mas aí dava um jeitinho de fazer com que- (as coisas) se encaixassem, mas na verdade::, eu já ouvi cada coisa terrível lá”. A segunda perspectiva é baseada no descontentamento com a sua vida pessoal. Na linha 36, ela diz: “e::, eu não era feliz, eu vivia mal-humorada, brigando com todo o mundo era, era um inferno em casa”. A construção de sua relação com a Umbanda de maneira insatisfatória, nesse momento da entrevista, é importante, pois servirá como contraste para a construção que ela realizará de sua satisfação com a sua prática religiosa atual. Nesse sentido, a construção trazida no fragmento acima está ancorada na perspectiva que a narradora tem do presente e tem em vista o sentido de final de sua narrativa de conversão.

Outro aspecto que aparece no fragmento acima e que será retomado depois, na construção de sua estória, é que, ao descrever a sua insatisfação com as relações interpessoais (na linha 44, por exemplo, ela coloca que em sua relação familiar ela “conversava alguma coisa, mas não

tinha aquela integração, família”), Cordélia pressupõe que a religião é algo que não deve ficar circunscrito a determinadas práticas ou locais de reunião, mas que deve atingir e favorecer a vida do indivíduo como um todo.

No momento em que realiza a construção trazida no fragmento acima, Cordélia constrói a si mesma como uma pessoa infeliz, problemática e que frequentava uma religião que não lhe trazia nenhuma satisfação pessoal.

(c) “Eu fui muito bem recebida”/“Eu só chorava”

Em outros trechos que não analiso aqui, Cordélia constrói a narrativa de sua conversão como estando em meio a problemas que lhe pareciam impossíveis de serem solucionados sem intervenção divina. Ela fala de sua dificuldade de se realizar afetivamente, de se relacionar com a família e de se ajustar a um comportamento que fosse mais adequado (“sem desperdiçar a vida em boites e com bebidas”). Ela também fala da conversão de sua mãe como um marco importante em sua própria conversão. No fragmento a seguir, Cordélia fala de outro importante momento: a sua primeira visita à igreja:

Fragmento 03: Cordélia: “*eu fui muito bem recebida*”/“*eu só chorava*”

- 01 Cordélia: beleza, aí um dia, em setembro, isso foi no início do ano, não é?
- 02 William: em que ano?
- 03 Cordélia: dois mil e dois.
- 04 William: dois mil e dois.
- 05 Cordélia: e aí em setembro, ((estala a língua nos dentes)) “mãe eu vou lá com você], (eu vou lá com você)”, “ah, vamos lá, vamos lá”, fui.
- 06
- 07 William: [humhum
- 08 Cordélia: ↑olha aquilo-- aí o lugar () >me senti meio estranha no início<,
- 09 William: [humhum
- 10 Cordélia: mas as pessoas=
- 11 William: =primeira vez:, né?
- 12 Cordélia: é::, você fica só observando, todo mundo lá batendo palma feliz da vida e eu--, aí eu só chorava, não sei o quê que era, só chorava, só chorava=
- 13
- 14
- 15 William: =quem que chorava?
- 16 Cordélia: eu
- 17 William: ah, você começou a chorar?
- 18 Cordélia: chorava assim, chorava, chorava.

- 19 William: como é que foi? você entrou::
- 20 Cordélia: eu entrei, fui muito bem recebida::
- 21 William: aí foi bem recebida e quando-- quando é que você começou a chorar?
- 22
- 23 Cordélia: na hora do louvor], na hora do louvor.
- 24 William: [hum] eles estavam cantando é isso?
- 25
- 26 Cordélia: é, é:, o louvor do () que eu gosto muito, que marcou assim eu sempre canto
- 27
- 28 William: o louvor que você chama é uma música?
- 29 Cordélia: é uma música,] e:: eles lá-- foi a primeira música assim que eu
- 30 William: [ah
- 31 Cordélia: ouvi, eu achei lindo
- 32 William: aquela música tocou você.
- 33 Cordélia: tocou muito, até tenho o cd, tenho o--a] letra, assim, essa música
- 34 William: [humhum
- 35 Cordélia: pra mim, até marcou, até falo “essa música foi o dia () da primeira vez que eu entrei na igreja”] sempre lembro por que foi
- 36
- 37 William: [humhum
- 38 Cordélia: uma música que--, aí eu--, comecei a chorar, e chorava-- >até com vergonha da minha mãe não sabia (se ia ter alguma coisa) aquela vergonha de ver a gente chorando< e chorava e chorava e não entendia por que daquilo, né?
- 39
- 40
- 41
- 42 William: foi mais forte do que a pessoa,] você não controlava=
- 43 Cordélia: [foi] =não controlava, >e comecei a chorar, chorar, chorar--<, e eu li a palavra ((“palavra”, aqui se refere à bíblia)) e tudo, aí beleza eu saí da igreja-- mas saí e tive--, aí com umas dúvidas né? aí pensei “tudo bem” qua]ndo você tá--, assim no início sempre lança
- 44
- 45
- 46
- 47
- 48 William: [ham::
- 49 Cordélia: dúvida mesmo, sempre lança questionamentos e aí eu fiquei naquele, na--, naquela época assim] observando
- 50
- 51 William: [quem lança? (essas

No fragmento acima, Cordélia descreve alguns dos aspectos positivos de sua conversão. Primeiro ela relata como mudou para melhor. A fim de dar sustentação ao seu ponto, a narradora faz uso da voz de uma terceira pessoa, é através da voz da amiga que ela realizará uma avaliação positiva de si mesma: (linha 02) “cordélia, que--a tua voz tá tão diferente”. Algo importante aqui é que, na verdade, a fala que aparece como sendo da amiga é uma construção da própria Cordélia; ela constrói o si mesmo de forma a mostrar que a sua conversão foi uma mudança positiva, que pode ser percebida externamente pelas pessoas através da percepção da mudança no tom da voz (linhas 05 e 06: “é porque a pessoa ela, ela notou na minha voz”), do gestual (linha 07: “muda o gestual”) e da linguagem (linhas 08-09: “graças a deus eu não falo mais palavrão”). Além dessas mudanças, Cordélia enfatiza que sua vida melhorou depois da conversão (linhas 16 e 31: “só bênçãos”). Todos esses elementos mostram que, além de construir sua identidade como uma pessoa realizada, Cordélia constrói a sua narrativa de conversão tendo em vista a perspectiva do presente. Como uma convertida, ela enfatiza o lado positivo de sua nova religião.

Últimas considerações

A análise aponta, entre outros aspectos, para a percepção de que, ao narrar diferentes momentos de sua experiência passada, a narradora realiza diferentes construções de si (como a de ter sido superficial na adolescência, problemática em sua relação com a família e infeliz na idade adulta). Essas construções funcionam, em sua trajetória de conversão religiosa, como contraponto para a construção de sua identidade atual (depois da conversão religiosa) como uma mulher segura e feliz; ou seja, de acordo com sua perspectiva do presente. Assim, como expressa Ricoeur (1985, p. 446),

[...] a identidade narrativa não pára de se compor e decompor, é a questão da confiança que Jesus coloca aos seus discípulos – quem vocês acham que eu sou? –, qualquer um pode colocar a si mesmo essa questão com a mesma perplexidade que os discípulos interrogados por Jesus. A identidade narrativa se torna, desta forma, não a solução, mas a designação de um problema.

No trecho de sua estória trazido pelo primeiro fragmento, Cordélia realiza uma construção do si mesmo como uma pessoa que tinha relação apenas com o aspecto social e recreativo da prática religiosa da família. Ela se constitui como uma pessoa que não dava grande relevância à religião. No segundo momento analisado, Cordélia se constrói como uma pessoa infeliz, problemática e que frequentava uma religião que não vinha ao encontro de suas expectativas. No terceiro momento, ela realiza uma construção de si como um sujeito em conflito que é tocado pela emoção provocada por sua ida à igreja. No quarto e último momento analisado, Cordélia constrói sua identidade como uma mulher feliz e realizada. Sua satisfação é posta diretamente relacionada

à sua conversão. Vimos como a perspectiva do presente permeia toda a sua produção narrativa e conduz o enredo para o sentido de final, que é o de estabelecer a conversão como um momento crucial; marco de passagem para uma vida melhor. Podemos verificar ainda que, por sua capacidade de conjugar diferentes construções que perpassam do sujeito ao contexto social e vice-versa, a narrativa é um espaço privilegiado de construção identitária, fato para o qual Ricoeur (1990, p. 138) também chama atenção:

Eu formulei, então, a hipótese segundo a qual a identidade narrativa, seja de uma pessoa, seja de uma comunidade, será a sua busca daquele cruzamento entre história e ficção. [...] Parece, dessa forma, plausível ter por válidas as seguintes asserções: a compreensão de si é uma interpretação; a interpretação de si, por sua vez, encontra na narrativa, entre outros signos e símbolos, uma mediação privilegiada.

Outro aspecto de relevo é que o estudo de diferentes momentos da narrativa de Cordélia põe em evidência o caráter processual da construção de sua avaliação (sobre o caráter processual da experiência de conversão, cf. Santos, 2007), ou das ideias que deseja transmitir. Para que uma estória seja efetiva, ela tem que ser organizada de forma que prenda e, se possível, convença o interlocutor. Neste trabalho, vimos que Cordélia deve assumir vários papéis: ela é, ao mesmo tempo, coautora, narradora e personagem da ação.

Não é demasiado enfatizar a importância de sempre ter em mente que a noção de identidade narrativa (e mesmo a de perspectiva do presente) deve ser sempre compreendida dentro de um determinado contexto social; na verdade, um não se distingue do outro ou, nas palavras de Ricoeur (1985, p. 444),

A noção de identidade narrativa mostra ainda a sua fecundidade no fato de que ela se aplica, da mesma forma, tanto à comunidade quanto ao indivíduo [...]: o indivíduo e a comunidade constituem sua identidade através de narrativas que se tornam, tanto para um quanto para o outro, a sua história efetiva.

No caso de Cordélia, o contexto social macro que rege a sua narrativa é a de ser convertida e atual membro de uma comunidade evangélica. A percepção que ela tem do mundo através da ótica evangélica, ou sua perspectiva do presente, perpassa todo o seu trabalho narrativo, configurando a sua identidade, o seu passado e, até mesmo, o seu futuro.

Referências

- BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. 1992 [1929]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 196 p.
- BASTOS, L.C. 2005. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. *Calidoscópio*, 3(2):74-87.
- BASTOS, L.C.; SANTOS, W.S. dos. 2006. “Caramba, e eu era assim, pelo amor de Deus” – a perspectiva do presente na reconstrução identitária em narrativas de conversão religiosa. In: I. MAGALHÃES; M. GRIGOLETTO; M.J. CORACINI (orgs.), *Práticas identitárias. Língua e discurso*. São Carlos, Claraluz, p. 223-234.

- GUMPERZ, J. 1982. *Discourse strategies*. Cambridge, Cambridge University Press, 225 p.
- HALLIDAY, M.A.K. 1992. New ways of analysing the meaning: The challenge to applied linguistics. In: M. PÜTZ (ed.), *Thirty years of linguistic evolution - Studies in honour of René Dirven on the occasion of his sixtieth birthday*. Philadelphia/Amsterdam, John Benjamins Publishing Company, p. 59-96.
- HEFNER, R. W. 1993. *Conversion to Christianity*. Berkeley, University of California Press, 326 p.
- JÄRVINEN, M. 2004. Life histories and the perspective of the present. *Narrative Inquiry*, 14(1):45-68.
- LABOV, W.; WALETSKY, J. 1967. Narrative analysis: Oral versions of personal experience. In: J. HELM (ed.), *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle, University of Washington Press, p. 123-144.
- LABOV, W. 1972. *Language in the inner city: Studies in the black English vernacular*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 440 p.
- LINDE, C. 1993. *Life stories – The creation of coherence*. New York, Oxford University Press, 242 p.
- MAFRA, C. 2002. *Na posse da Palavra – Religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 260 p.
- MISHLER, E. 1986. *Research interviewing: Context and narrative*. Cambridge, Harvard University Press, 187 p.
- MISHLER, E. 2002. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: L.P. da MOITA LOPES; L.C. BASTOS (orgs.), *Identidade - recortes multi e interdisciplinares*. Campinas, Mercado de Letras/CNPQ, p. 97-119.
- MOITA LOPES, L.P. da. 1995. What is this class about? Topic formulation in a L1 reading comprehension classroom. In: G. COOK; B. SEIDELHOFEN (eds.), *Principle and practice in applied linguistics*. Oxford, Oxford University Press, p. 349-362.
- RAMBO, L.R. 1993. *Understanding religious conversion*. Yale, Yale University Press, 240 p.
- RICOEUR, P. 1985. *Temps et récit III. Le temps raconté*. Paris, Éditions du Seuil, 533 p.
- RICOEUR, P. 1990. *Soi-même comme un autre*. Paris, Éditions du Seuil, 425 p.
- RIESSMAN, C.K. 1993. *Narrative analysis*. Newbury Park, Sage Publications, 78 p.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.A.; JEFFERSON, G. 1974. *A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation*. *Language*, 50(4):696-735.
- SANTOS, W.S. dos. 2007. *O longo caminho até Damasco: rede de mudança e fluxo de mudança em narrativas de conversão religiosa*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de Doutorado. PUC-Rio, 210 p.
- VENTOLA, E. 1995. Generic and register qualities of texts and their realization. In: P.H. FRIES; M. GREGORY (eds.), *Discourse in society: Systemic functional perspectives*. Norwood, Ablex, p. 3-28.

Submetido em: 29/04/2009

Aceito em: 01/07/2009

William Soares dos Santos

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea
22453-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Anexo

Convenções de transcrição

Nesta pesquisa sigo, basicamente, as normas de transcrição utilizadas por Charlotte Linde (1993, p. xi-xiv) que, por sua vez, é uma simplificação do sistema utilizado por Sacks *et al.* (1974) por considerá-las claras, de grande simplicidade, proporcionando bastante precisão à transcrição do relato verbal.

1 - Relações temporais e sequenciais

(.)	pausa não medida
(2.3)	pausa medida
=	elocuções contíguas
[colchete do lado esquerdo indica ponto de início de sobreposição de fala.
]	colchete do lado direito indica final de sobreposição de fala.
(...)	parêntese com três pontos indica trecho editado

2 - Símbolos para marcar traços de produção da fala, incluindo alguns aspectos da entonação.

°	sinal de grau que indica que a palavra seguinte é marcadamente mais suave ou devagar.
°palavra°	palavras entre sinais de grau indicam que este trecho é mais suave do que o restante da fala.
↑	subida de entonação
↓	descida de entonação
<u>sublinhado</u>	ênfase
MAIÚSCULA	fala em voz alta ou muita ênfase
: ou ::	alongamentos
--	não conclusão de ideia
>palavra<	fala mais rápida
<palavra>	fala mais lenta
“palavra”	fala relatada
()	fala não compreendida
(palavra)	fala duvidosa
(())	comentário do pesquisador ou analista

Toda a transcrição de dados é realizada com letras minúsculas. Acredito que, ao não utilizar letra maiúscula, evito evidenciar um elemento em detrimento de outro.